



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CHAIANE ZANINI DA SILVA JANOELO

ROSANGELA FIN

METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO:

UM OLHAR A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

CHAPECÓ

2018

CHAIANE ZANINI DA SILVA JANOELO

ROSANGELA FIN

METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO:

UM OLHAR A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com o requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Erone Hemann Lanes.

Co-orientadora: Prof^ª Dr^ª. Patrícia Graff.

CHAPECÓ

2018

CHAIANE ZANINI DA SILVA JANOELO

ROSANGELA FIN

METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO:

UM OLHAR A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com o requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em: 25/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Erone H. Lanes

Profª. Ms. Erone Hemann Lanes - Orientadora

Patrícia Graff

Profª. Dra. Patrícia Graff – Co-orientadora

Eva Lenita Trierweiler

Profª. Eva Lenita Trierweiler – Avaliadora

METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

Chaiane Zanini da Silva Janoelo¹

Rosangela Fin²

Erone Hemann Lanes³

Patrícia Graff⁴

Resumo: A metodologia da problematização é uma das maneiras ativas de ensino e aprendizagem, que visa superar o modelo tradicional de educação por meio do protagonismo da criança, fator que permeia as atuais discussões do cenário educacional. O objetivo deste estudo consiste em investigar como a metodologia problematizadora se apresenta em obras de literatura infantil a partir do embasamento teórico que apresenta três vertentes e contextualiza breve e historicamente a literatura. A fonte de investigação é composta por três obras de literatura infantil, selecionadas no acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola, do ano de 2012. As discussões teóricas são pautadas nos estudos de Berbel (2012), Costa (2008), Lajolo e Zilberman (1988). A pesquisa tem cunho qualitativo, de caráter exploratório e utiliza a técnica de análise de conteúdo. Os resultados evidenciam a presença das etapas da metodologia problematizadora nas obras literárias, bem como a possibilidade de articulação entre a metodologia da problematização e a literatura infantil, servindo como importante recurso pedagógico para a formação da criança como sujeito leitor.

Palavras-chave: Metodologia da Problematização. Literatura infantil. Educação.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail chaai_zanini@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail rosangelafin_uffs@hotmail.com

³ Orientadora e professora da Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail erone.lanes@uffs.edu.br

⁴ Co-orientadora e professora da Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail patricia.graff@uffs.edu.br

1 INTRODUZINDO O LEITOR AO ASSUNTO

Diante do atual contexto educacional do país, temos ouvido discursos de desinteresse vindos de crianças que, ao invés de encontrarem na escola um lugar que propicie experiências, desperte curiosidades e promova o conhecimento, encontram um ambiente desestimulador. Uma das causas apontadas para esse cenário diz respeito à postura do professor e da metodologia utilizada, denominada por Freire (1996) como “Educação Bancária”.

Freire refletia sobre as práticas metodológicas, revelando o desapontamento com a educação bancária, aquela que o professor, “detentor do saber”, transmite os conhecimentos e desconsidera os seres únicos e cheios de histórias que se encontram no espaço escolar. O autor acreditava em uma pedagogia libertadora e problematizadora que se assemelha ao Método do Arco. Assim, Freire (1989) ressaltava aos educadores para que valorizassem os conhecimentos que o estudante traz de casa e a visão particular de mundo, explicando que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...] e a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. (FREIRE, 1989, p. 9).

No livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2015) adverte que os saberes necessários à prática educativa podem fazer das pessoas donas de sua própria história ou acomodá-las ao mundo. Ainda para o autor, não cabe na educação libertadora, um ensino monológico, pois, “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2015, p. 24).

Frente a estas considerações, faz-se necessária uma reflexão sobre as práticas metodológicas escolhidas em nossa atuação como docentes, pois, sabemos que muitas formas de ensino levam a uma visão restrita de aprendizado, o que pouco contribui para a formação de um sujeito crítico. Sendo assim, escolhemos ampliar nossas visões no que diz respeito à metodologia problematizadora, dialogando com a literatura infantil, uma vez que foi por meio do que a leitura nos provocou durante nossa vida, que esse tema de pesquisa surgiu.

Temos visto a literatura infantil como um importante recurso metodológico a ser utilizado pelo professor nas aulas, tendo como objetivo despertar o gosto pela leitura e, conseqüentemente, a imaginação das crianças. Mais que isso, ao ler a criança aprende a lidar com as emoções, problematiza e relaciona aquilo que lê com a realidade, ampliando o conhecimento, conforme afirma Franz (2001, p. 16), “[...] a literatura infantil é também

ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas”.

Sendo assim, a pesquisa em questão tem como objetivo principal analisar como a metodologia da problematização se apresenta em obras literárias na categoria dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, disponibilizadas pelo Ministério da Educação (2012) por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola.

Os objetivos específicos estão pautados em conceituar, a partir de estudos teóricos, a metodologia da problematização e os principais aspectos referentes à constituição histórica da literatura infantil, investigar como a metodologia da problematização se apresenta nas obras, e, por fim, refletir acerca da possibilidade de diálogo entre a metodologia da problematização e a literatura infantil na realização de práticas pedagógicas.

Para tanto, apresentaremos, neste artigo, a concepção da metodologia da problematização, os principais aspectos referentes à constituição histórica/metodológica da literatura infantil e os resultados e contribuições acerca do levantamento de dados nos acervos do sítio do Ministério da Educação, realizadas através do site <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>.

As considerações visam contribuir com os profissionais envolvidos no processo educativo, sobretudo, para aqueles que utilizam a literatura infantil na prática pedagógica, quer sejam educadores em exercício, educadores em processo de formação, estudiosos interessados no assunto e/ou futuros escritores que pensam em trabalhar com a metodologia em questão, tendo em vista que o gênero literário proporciona à criança o despertar do prazer de ler, imaginar mundos, acumular bens culturais, transformar-se e questionar-se a partir do que lê.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Metodologia da Problematização: Uma Prática Libertadora

Todo o conhecimento é uma resposta a uma pergunta.
Gaston Bachelard

Educar é um ato importante que envolve diversos fazeres, por isso é necessário que todo docente faça o constante movimento de questionar e analisar a própria prática, visto que,

as metodologias de ensino, entre outros fatores, são consideradas um dos grandes desafios da educação na contemporaneidade (DAVID, 2015).

Uma das funções fundamentais da escola é a socialização dos conhecimentos historicamente acumulados pela sociedade, assim, dominar os códigos e ter a capacidade de refletir e agir sobre o mundo são requisitos indispensáveis para estar incluído na sociedade do conhecimento. No entanto, os processos de ensino e aprendizagem, muitas vezes tem mostrado dificuldade para assumir o papel formador de sujeitos críticos e ativos diante dos problemas da atualidade. Foi em torno dessa preocupação pedagógica que, em 1960, um francês chamado Charles Maguerez desenvolveu o Método do Arco, apresentado pela primeira vez no Brasil na primeira edição do livro *Estratégias de Ensino-Aprendizagem*, de Bordenave e Pereira (1982).

Para uma melhor compreensão do método da problematização, precisamos primeiramente conhecer seu surgimento. Para isso, Berbel (2012) serve como contribuição principal para esclarecer essa temática, tendo em vista que dedicou-se em compreender o início da metodologia da problematização a partir do Arco de Maguerez. Posteriormente, os estudos foram revisados por Bordenave e Pereira (1982), seguidos de uma análise da própria autora Berbel, em pesquisa no pós-doutorado.

A autora citada esclarece que a abordagem foi criada por Maguerez (1966), tendo como público alvo profissionais analfabetos que trabalhavam em minas de carvão. Inicialmente essa proposta seguia etapas diferentes, pois, não tinha a elaboração de problemas e não era voltada para a educação escolar, embora trouxesse uma preocupação pedagógica por ser uma forma de educação não formal.

Em seguida, Berbel (2012, p. 108) aborda a segunda versão proposta pelos autores Bordenave e Pereira (1982), no livro *Estratégias de Ensino Aprendizagem*. Nesta perspectiva, o público alvo eram os profissionais da educação e/ou da formação de professores e, para isso, os autores basearam-se nas ideias de estudiosos como Freire, Piaget, Vygotsky, Bruner e Ausubel, considerando

[...] a aprendizagem por descoberta, inspirada nas ideias de Jean Piaget; a concepção socio-interacionista aprendizagem sustentada nos estudos de Lev Vygotski e desenvolvida por Jerome Bruner; e a aprendizagem significativa de David Ausubel. Por último, por sua afirmação, o próprio autor constatou que a educação problematizadora encontrava fundamentação epistemológica no pensamento dialético. (BERBEL, 2012, p. 112).

Por último, nos é apresentada a terceira versão construída pela própria Berbel (2012), configurando-se em uma adaptação do Arco de Magueréz, pensado por Bordenave e Pereira, seguindo as teorias de Sánchez Vázquez (1977) e Freire (1980, 1983). Mas como funciona o método da problematização? Berbel (2012, p. 113) conta que o objetivo principal é o protagonismo dos estudantes durante o processo educativo, “desde a observação da parcela da realidade e definição do problema de estudo até a realização de algum grau de intervenção naquela parcela da realidade, com a finalidade de contribuir para a sua transformação”.

Em conformidade com Berbel (1999, p. 2), pode-se perceber que as visões dos autores apresentados estabelecem um diálogo, dessa forma, a autora nos explica que para ocorrer uma metodologia problematizadora se faz necessário seguir cinco etapas que orientam “um educador preocupado com o desenvolvimento de seus alunos e com sua autonomia intelectual, visando o pensamento crítico e criativo e também a preparação para uma atuação política”.

A primeira etapa é denominada problematização da realidade, sendo, segundo Berbel (2002, p. 1), entre todas as etapas “[...] o maior desafio de toda a Metodologia da Problematização, talvez pela insegurança em se saber quando se está diante de um problema ou não e se o mesmo é relevante”. Isso porque, como a autora explica, “[...] formular problemas não faz parte da nossa tradição de estudantes”. E, por tratar-se de crianças que estão iniciando a jornada de estudos nos anos iniciais do ensino fundamental, o professor terá o papel fundamental como mediador desse processo.

Mas afinal, o que é um problema? O dicionário Houaiss (2009, p. 1553) apresenta a seguinte definição para esse termo

Assunto controverso, que pode ser objeto de pesquisas científicas ou discussões acadêmicas; questão social que traz transtornos e que exige grande esforço e determinação para ser solucionado; obstáculo, dificuldade que desafia a capacidade de solucionar de alguém; distúrbio ou disfunção orgânica; pessoa, coisa ou situação incômoda, preocupante, fora de controle.

Muller e Rose (2012, p. 25) também descreveram o que é um problema, explanando que não são dados a priori,

Eles precisam ser elaborados e tornados visíveis, e essa elaboração de um campo de problemas é um processo complexo e amiúde lento. Questões e preocupações precisam tornar-se aparentemente problemáticas, frequentemente de diferentes formas, em lugares diferentes e por agentes diversos.

Neste sentido, achar um problema faz parte de um processo de reflexão e por isso precisamos oportunizar momentos de indagações aos nossos educandos, partindo do princípio que o problema está em tudo o que não encontramos respostas prontas. Cabe aos estudantes valorizar a observação da realidade para que eles mesmos possam identificar os problemas

presentes. Essa análise pode resultar em temas a serem trabalhados no coletivo, com toda a turma e também em pequenos grupos. Feito isto, o aluno irá refletir sobre o problema escolhido e buscar identificar os fatores geradores. Nesse movimento, ocorre a segunda etapa do processo: pontos-chaves, na qual são elencados tópicos a serem estudados com cuidado, para que se obtenham respostas (inicialmente baseadas no senso comum) sobre o que está sendo observado.

Seguindo essa concepção, a autora explica que deve ser escolhida uma metodologia de estudo, podendo ser por meio de pesquisas na biblioteca, livros, programas do governo, com professores, colegas, questionários e entrevistas.

Dessa forma, chegamos à terceira etapa, chamada de teorização. Nesse estágio dá-se início ao processo de investigação, no qual os alunos buscarão informações que possam contribuir para a solução do problema, comparando e analisando tudo o que já foi formulado até o dado momento do trabalho.

Já a quarta etapa do processo diz respeito à elaboração de hipóteses da solução. Berbel (1999) enfatiza que é uma etapa bastante criativa porque os alunos precisarão buscar novas formas de resoluções, ações diferentes, quem sabe nunca pensadas, e, por isso, é importante fazer o registro das ideias.

Por fim, a última etapa é a aplicação dessas abordagens na realidade, que consiste em rever o problema, seus pontos-chaves e todos os conhecimentos levantados com a teorização e as hipóteses. É finalmente colocar em prática uma ação que contribua para a solução do problema investigado, transformando a situação inicial. O esquema representativo das etapas é ilustrado na Figura 1.

Figura 1 - Proposta de Maguerz, adotada por Bordenave e Pereira em 1982



Fonte: Berbel (1999).

Desta maneira, analisando e refletindo sobre as três versões: Maguerez (1966), Bordenave e Pereira (1982) e Berbel (2012), destacamos que este estudo está organizado sob a luz do entendimento de Berbel (2012), visando partir da realidade, passar por um processo de estudo e reflexão e retornar para a realidade como uma forma de intervenção.

2.2 Contextualizando a Literatura Infantil

Buscando esclarecer esse subtítulo, realizamos um recorte histórico para melhor conhecer o surgimento, efetivação e função da literatura no mundo letrado. Costa (2008) descreve, no livro *Literatura Infantil*, que a literatura teve surgimento pelo próprio homem com a necessidade de transmitir a herança cultural da humanidade, o que inicialmente se dava por meio da oralidade, sendo a criança vista como um adulto em miniatura. No entanto, as funções da literatura foram mudando no decorrer do tempo, conforme a sociedade foi se constituindo.

Após o Período Primitivo, observa-se o Período Medieval, tempo em que apareceram as lendas e contos folclóricos. Mas, é na Idade Média e no Renascimento que surgem os primeiros livros de literatura infantil, criados pelos padres jesuítas. Assim, Costa (2008) aborda a metodologia presente nas histórias, tendo início com as fábulas escritas por Lúlio, com animais que representavam virtudes e defeitos humanos. No século XVII, o autor Charles Perrault faz o mesmo com os contos de fadas. Além disso, surgem as poesias, coletâneas de cantigas e os clássicos e a literatura é revolucionada ao criar um “[...] gênero específico voltado para o público infantil”. (COSTA, 2008, p. 67).

E assim percebemos o cenário literário. Mas como aconteceu a literatura no contexto brasileiro? Para melhor compreensão do (a) leitor (a), apresentamos um conjunto de fragmentos dispostos no Quadro 1. As citações estão organizadas segundo o entendimento de Costa (2008), Lajolo e Zilberman (1998).

Quadro 1 - A Construção da Literatura Infantil No Brasil

“A literatura infantil brasileira surgiu muito tempo depois do início da europeia. Com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, começaram a ser publicados livros para as crianças no Brasil”. (COSTA, 2008, p. 71).

“A falta de uma literatura infantil e o privilégio de uma pequena elite econômica capacitada

para ler fizeram com que predominasse por muitos anos a literatura oral”. (COSTA, 2008, p. 71).

“Após a proclamação da república, uma aceleração da urbanização propiciou o aparecimento da literatura infantil, pois a sociedade brasileira colocava-se à espera da absorção de novos produtos culturais”. (COSTA, 2008, p. 71).

“Intelectuais, jornalistas e professores arregaçaram as mangas e puseram mãos à obra. Começaram a produzir livros infantis que tinham um endereço certo: o corpo discente das escolas [...]”. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 28-29).

“Os livros do povo (1861), de Antônio Marques Rodrigues, foi o primeiro livro de grande repercussão escolar”. (COSTA, 2008, p. 72).

“Monteiro Lobato publica, em 1921, Narizinho arrebitado, que já apresentava um apelo à imaginação, movimentação dos diálogos, enredo, linguagem visual, humor e a graça na expressão linguística”. (COSTA, 2008, p. 73).

“Entre o período de 1920-1945, a criação literária infantil aumenta o número de obras”. (COSTA, 2008, p. 73).

“Na década de 1950, com o fim da era getulista [...] instala-se a crise da leitura. Há, ainda, o surgimento das histórias em quadrinhos [...]”. (COSTA, 2008, p. 74).

“Hoje, as funções da literatura infantil no Brasil estendem-se para além da educação formal. Informar e educar passam a ser pano de fundo do interesse de autores e obras”. (COSTA, 2008, p. 74).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir dos estudos realizados por Costa (2008), Lajolo e Zilberman (1998) podemos concluir que há muitos anos a literatura acontecia de forma oral e tinha um cunho educador, mas com o passar do tempo foi preciso renovar-se, assim a escrita da literatura aparece como uma forma de registro para que mais pessoas pudessem acessá-la.

No decorrer desse movimento, vemos a literatura assumindo um novo papel no corpo social, voltando-se para a infância, com a criação de diferentes gêneros visando despertar o interesse da criança pela leitura. Nesse sentido, pode-se constatar que a literatura infantil é um instrumento formador, pois faz parte dela envolver a imaginação e o real, fazendo com que a criança reflita sobre a realidade, questione e desenvolva-se tanto cognitivamente, quanto socialmente.

A trajetória histórica da literatura infantil, ao chegar no período atual, é expressa em diferentes linguagens, compondo uma variedade de gêneros textuais. Turchi (2008, p. 3) nos relata que

[...] um levantamento da produção literária para a criança aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fada, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Estas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Dessa forma, podemos perceber que a literatura infantil desenvolveu-se muito nas últimas décadas, com uma multiplicidade de obras, que atende as mais variadas necessidades, além do fácil acesso às crianças leitoras.

3 METODOLOGIA

A escolha do tema metodologia da problematização e literatura infantil conduziu à adoção de uma abordagem de cunho qualitativo, que de acordo com Bodgan e Biklen (1994, p. 11) “[...] enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais”. Trata-se de uma pesquisa com caráter exploratório, pois, apesar do tema literatura infantil ser bem difundido no meio educacional, não encontramos pesquisas que o relacionem com o método problematizador, e, dessa forma, realizamos um estudo bibliográfico para responder os objetivos propostos no decorrer do trabalho.

Por consequência da abordagem qualitativa, também nos apropriamos do método de análise de conteúdo, ao caracterizar-se como uma ferramenta que analisa dados qualitativos, visando, conforme Campos (2004, p. 613), “não somente produzir suposições subliminares acerca de determinada mensagem, mas em embasá-las com pressupostos teóricos de diversas concepções de mundo e com as situações concretas de seus produtores ou receptores”. Assim, optamos por esse recurso ao entendermos ser a técnica que melhor atende ao objetivo de nossa pesquisa, sendo ele: analisar como a metodologia da problematização se apresenta em obras literárias na categoria dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, disponibilizadas pelo Ministério da Educação (2012) por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola. Segundo o MEC, o PNBE deu início às atividades em 1997, visando

[...] democratizar o acesso às obras de literatura infantojuvenil, brasileiras e estrangeiras, e a materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos das escolas públicas brasileiras. O Programa é executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE - em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. (BRASIL, 2014, p. 10).

Em virtude do que foi mencionado, participam do programa as escolas públicas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, abrangendo somente os estados brasileiros que se encontram cadastrados no Censo Escolar, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Realizamos, portanto um levantamento no sítio do Ministério de Educação (MEC), Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), tendo como base os acervos disponibilizados do ano de 2012. Ao compreendermos que as crianças têm as primeiras experiências com o mundo letrado (decifração de símbolos e códigos de escrita) nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, foi necessário centralizar nosso olhar para a Categoria 3 (três) (Anos Iniciais do Ensino Fundamental), disponibilizadas pelo PNBE, totalizando 100 (cem) obras literárias. Posteriormente, realizamos a seleção dos livros pela leitura de todas as sinopses, buscando-as em sites de livrarias, pois possibilitam o fácil acesso, nos levando ao primeiro contato com os documentos, conhecendo previamente as histórias e deixando fluir as primeiras impressões. Em seguida, as histórias foram sendo descartadas se não apresentassem, nos resumos, um tema problematizador, conforme o método de análise de conteúdo.

Da totalidade das obras disponibilizadas pelo PNBE, destacamos dezenove que precisavam ser lidas integralmente, pois julgamos apresentar tema problematizador. Fomos em busca dos livros em duas universidades e na biblioteca pública de nossa cidade, mas não encontramos. Já havíamos cogitado a possibilidade de compra, quando localizamos parte das obras na biblioteca de uma escola municipal e as demais obras que faltavam na biblioteca de uma escola estadual. Com os livros em mãos, realizamos a leitura de cada obra, segundo a metodologia de Berbel (Anexo 1).

Entre todas as leituras, selecionamos três para realização das análises: Fazedor de tatuagem, de Ricardo Azevedo (2012); Controle remoto, de Florentino Alves de Freitas (2009) e “Gabi, perdi a hora!”, de João Basílio (2009).

4. ANÁLISES

Para a realização das análises, definimos alguns critérios a serem observados. Além das etapas presentes no Arco de Maguerez, consideramos a qualidade textual dos livros, bem como a faixa etária das crianças inseridas nos anos iniciais, linguagem coloquial e de fácil entendimento e qualidade gráfica, ou seja, as ilustrações deveriam demonstrar o contexto da história, representar o que estava escrito.

4.1 Fazedor de tatuagem: o menino que aprendeu a tatuar corações

A primeira obra literária a ser analisada foi escrita e ilustrada por Ricardo Azevedo. O livro “Fazedor de tatuagem” foi lançado pela editora Uno Educação, no ano de 2011, e encontra-se disponível no acervo do MEC (2012).

Ao lermos a obra, nos deparamos com uma narrativa extensa que necessita um maior domínio em relação à compreensão da leitura, isso por trazer uma linguagem mais complexa ao contar a história de um personagem piegas, que utiliza da dramatização ao exemplificar as próprias percepções de visão de mundo, o que conduz o leitor a refletir sobre os acontecimentos apresentados. Conforme se desenvolve, a narrativa nos desperta certa curiosidade no que diz respeito ao desfecho da história e com as ilustrações torna-se divertida, atraindo a atenção de quem a lê.

O enredo descreve a vida de um menino que tem como sonho ser tatuador, iniciativa que sofre com a desaprovação dos pais. Nesta perspectiva surge a primeira etapa (problematização da realidade), quando o menino ao tentar realizar o próprio sonho, depara-se com a dificuldade de desenhar as coisas como elas são e também sente-se confuso ao tentar reproduzir os sentimentos em forma de desenho. Em seguida, ocorre a segunda etapa (pontos-chaves) baseada no senso comum. Nesse estágio a solução seria aprender a desenhar (copiar aquilo que já existe), inventar imagens e, assim, treinar arduamente.

Por meio de pequenos diálogos com as pessoas que estavam ao redor do protagonista da história, sobrevêm a terceira etapa (teorização). Nessa fase o ponto de vista do garoto muda completamente, pois agora iria desenhar somente o que gostava, conforme aconselhado pela avó Lila. Além disso, Marina, a primeira paixão, lhe ensina que existem diversas formas de desenhar, mas que o importante é fazer a partir da própria ótica. Assim, as descobertas não param e com o pai aprende a retratar os sentimentos com uso de símbolos, obtendo diferentes interpretações e, por fim, com a empregada Viriata percebe que o essencial é desenhar só o que lhe faz sentido.

Rumo à quarta etapa (hipótese de solução), o menino decide pôr em prática tudo o que lhe foi dito e até arrisca as próprias habilidades ao fazer alguns grafites pela cidade. Já na quinta etapa (aplicação à realidade) vemos a decisão do menino, agora um adulto que ingressa na faculdade de Artes, tornando-se ilustrador de livros e realizando seu sonho de infância de ser um fazedor de tatuagem, mas agora, deixando uma marca diretamente no coração das pessoas.

4.2 Controle remoto: uma família sem manual de instruções

Nossa segunda análise tem como título “Controle remoto”, do autor Florentino Alves de Freitas (Tino Freitas). O livro, lançado pela editora Manati é uma versão de 2009, na qual Mariana Massarani narra perfeitamente a história por meio de desenhos e cores. Assim como a obra “Fazedor de tatuagens”, a história contém as cinco etapas propostas pela metodologia da problematização, que serão apresentadas a seguir.

A história, escrita de forma clara e objetiva, relata a vida de um homem e uma mulher que recebem de uma cegonha um bebê. Já no início da narrativa localizamos o primeiro problema (problematização da realidade), ou seja, visto como um facilitador o casal faz uso de um controle remoto, tido como um pequeno manual de instrução para o garoto.

Posteriormente, é possível destacar outro momento problematizador na história, que ocorre quando o controle remoto para de funcionar. Na tentativa de solucionar o desafio, identificamos, no texto, a segunda etapa da abordagem (pontos-chaves), na qual o casal deduz que ao trocarem as pilhas o problema estaria resolvido, ideia que inicialmente dá certo até o momento em que o controle para de funcionar novamente.

À vista disso, ao procurar ajuda para resolver o pequeno incidente, surge a terceira etapa (teorização). Dessa forma, outro personagem aparece na narrativa, um técnico, que ao tentar ajudar o casal, sugere que o controle remoto seja descartado e que todos devem aprender a conviver em família, interagindo uns com os outros. Inicialmente a opinião do técnico não é vista com “bons olhos”, levando os pais do menino a refletirem sobre as decisões tomadas até então, no entanto, após considerar a ideia do personagem em questão, ambos decidem que é o melhor a se fazer e, assim, acontece a quarta etapa (hipótese de solução).

A quinta etapa (aplicação à realidade) finaliza com sucesso o enredo da obra, ao relatar que no desfecho da história os personagens principais tornam-se uma família de

verdade, quando os pais realizaram a função de controle remoto na vida do filho passaram a priorizar o que é indispensável para o desenvolvimento da criança.

4.3 Gabi, perdi a hora! A menina que procurava respostas

Concluimos o processo de análise com a produção de “Gabi, perdi a hora!”. A obra, lançada pela editora Executiva em 2009, escrita por João Basílio e ilustrada por André Neves, difere das anteriores por conter apenas quatro etapas metodológicas.

Ao olhar especificamente para o texto, constatamos que a leitura é fácil e divertida, contendo ilustrações que dão vida à história e contemplam o que está sendo descrito. Contudo, podemos observar a primeira etapa da metodologia (problematização da realidade), quando a menina Gabi de apenas cinco anos, depara-se com o pai alegando ter “perdido a hora”. A menina, mesmo não sabendo o significado da expressão, é tomada pelo desejo de ajudar o pai e, desse modo, começa a procurar respostas nos lugares que até então conhecia.

Neste momento, o livro apresenta a segunda etapa, (pontos-chaves), na qual Gabriela inicia uma pesquisa adotando como metodologia a entrevista. Pensa em pedir ajuda para a mãe, ao irmão mais novo e para a irmã mais velha, mas todos estavam dormindo. Ao ficar insatisfeita decide que o melhor a se fazer é procurar fora de casa, deixando evidente o espírito investigativo o que, muitas vezes, é amenizado pelo senso comum.

Ao observar tudo cautelosamente Gabriela também problematiza algumas ações, características que contribuem para a etapa seguinte (teorização), Gabi nos mostra que é preciso ter objetivos definidos na hora de realizar nossas escolhas. Dessa forma, com o desenrolar da história, vemos a quarta etapa (hipóteses de solução). Neste momento, Gabi encontra um mendigo cego que levanta hipóteses sobre a “hora perdida” estar no relógio da igreja. A partir do que o cego diz, a menina muda a forma de interpretação e deduz que as horas são passarinhos.

Verificamos que a história contém as quatro etapas propostas por Berbel (1999), porém não apresenta a última etapa, denominada como “aplicação à realidade”. Por mais que Gabriela tenha procurado respostas, as indagações feitas a levaram a mais perguntas e, mesmo revendo tudo o que passou, não consegue colocar em prática uma ação que transforme a situação inicial. Assim, termina a história com novos elementos a serem investigados: a hora perdida, a calma do pai, o próprio juízo, o sono da mãe e os quilogramas da irmã mais velha.

4.4 Discussões

A pesquisa teve como objetivo analisar como a metodologia da problematização se apresenta em obras literárias na categoria dos anos iniciais do ensino fundamental, disponibilizadas pelo Ministério da Educação (2012).

Para dar início as análises foi necessário a construção de um embasamento teórico que nos permitiu conhecer sobre a metodologia da problematização e as três principais vertentes: Magueres (1966), Bordenave e Pereira (1982) e Berbel (2012), nos levando a caminhar sob a última perspectiva que vê o estudante como protagonista ao transpor as cinco etapas que compõe todo o processo em questão, sendo: problematização da realidade (observação), pontos-chaves (soluções baseadas no senso comum), teorização (aproximação do conhecimento científico), hipótese de solução (criatividade) e aplicação à realidade (intervenção).

Conhecer a metodologia já seria um ponto importante para que o professor a colocasse em prática, no entanto, nosso propósito inicial ainda não havia sido respondido. Por isso, buscamos abordar brevemente, por meio de Costa (2008), Lajolo e Zilberman (1988) alguns aspectos em relação à literatura infantil, visto que o livro foi o recurso/objeto fonte de nossa investigação. Entre esses aspectos constatamos o início da oralidade e a evolução para os livros infantis que encontramos presentes nas escolas, os quais desempenham um papel fundamental como recurso pedagógico à prática docente. Neste ponto de vista, partimos para a análise prévia de dezenove obras em busca das etapas da metodologia da problematização, resultando nos seguintes dados:

- Dezesete obras (incluindo quatro contos) apresentaram a primeira etapa (problematização da realidade);
- Dez obras (compreendendo dois contos) mostraram a segunda etapa (pontos-chaves);
- Sete obras (contendo um conto) expuseram a terceira etapa (teorização);
- Nove obras (abrangendo dois contos) exibiram a quarta etapa (hipótese de solução);
- Sete obras (incluindo dois contos) apresentaram a quinta etapa (aplicação à realidade);
- Cinco obras não abordaram nenhuma etapa.

Algumas obras apresentaram todas as etapas, outras apresentaram somente algumas, assim como houve as que não apresentaram nenhuma das etapas propostas por Berbel (1999).

Neste caso, não podemos afirmar que os autores conheciam a metodologia e a utilizaram de forma proposital na construção das narrativas, pois desconhecemos as reais motivações para a escrita. Entretanto, analisando “Fazedor de tatuagem”, “Controle remoto” e “Gabi, perdi a hora!”, comprovamos ser possível o diálogo entre a metodologia da problematização e a literatura infantil.

A partir da trajetória investigativa realizada consideramos, com o posicionamento de Berbel (1998, p. 144), que a metodologia da problematização contribui para a formação social, ética e crítica das crianças, ao reconhecer que o propósito é

[...] preparar o estudante/ser humano para tomar consciência de seu mundo e atuar intencionalmente para transformá-lo, sempre para melhor, para um mundo e uma sociedade que permitam uma vida mais digna para o próprio homem.

Todavia, como podemos evidenciar essa formação não acontece somente no término do processo, mas durante cada etapa realizada pelo educando, trata-se de um processo formativo contínuo, estritamente ligado à reflexão da teoria e prática.

Da mesma forma, vimos que a literatura pode ser um meio significativo para aplicação da metodologia da problematização em sala de aula, pois, como relata Zilberman (1987, p. 22) esta:

[...] sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor [...] o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

Igualmente, tanto a metodologia da problematização quanto a literatura infantil cooperam para a formação da criança e podem dialogar. Sobretudo, entendemos que o professor não precisa relacionar as duas em todos os momentos da aula, bem como enfatiza Berbel (1998, p. 142) “[...] nem sempre é a alternativa mais adequada para certos temas de um programa de ensino”, mas pode ser sempre utilizado em momentos oportunos “[...] e em situações em que os temas estejam relacionados com a vida em sociedade”.

O estudo também nos faz refletir sobre a importância do professor como um ser mediador e pesquisador, com o intuito de aprimorar os conhecimentos em relação à metodologia e utilizá-la com eficácia. Realizar a leitura prévia das obras também é um ponto a ser destacado, uma vez que, a partir dessa prática, podem surgir temas a serem trabalhados com a turma, objetivando o interesse das crianças pela leitura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando compreender o que estava nas entrelinhas de cada obra, obtivemos diferentes impressões diante de cada leitura. Para tanto, frente ao problema de pesquisa que teve como objetivo identificar como a metodologia problematizadora se apresenta em obras de literatura infantil, conseguimos constatar cada etapa com facilidade, pois, além de aparecerem na sequência da história, a proposta de Berbel já estava evidente para nós, o que nos leva a concluir que somente aquele que tem conhecimento acerca da metodologia, será capaz de identificá-la nas leituras. A linguagem escrita também facilitou o entendimento das obras por apresentar-se de maneira clara e precisa, assim como as ilustrações de cada narrativa, ambas contribuíram para a identificação das etapas.

Nesse sentido, pensando no contexto escolar, destacamos que a metodologia da problematização, aliada ao uso da literatura como recurso pedagógico, pode servir de auxílio a prática pedagógica, pois proporciona a aprendizagem significativa das crianças, ao abordar assuntos relacionados a suas realidades.

Quando a literatura é utilizada como recurso pedagógico, vemos a possibilidade do docente propor temáticas em que a criança pode reconhecer-se, questionar a própria realidade, os pensamentos e ações acerca do mundo, pois na faixa etária dos primeiros anos do ensino fundamental (as obras analisadas foram destinadas a este período) as crianças encontram-se no processo de alfabetização e letramento, possuindo grande curiosidade por diferentes temáticas. Portanto, o educador pode utilizar as histórias para incentivar a busca pelo aprendizado relacionado à realidade, desenvolvendo assim, um sujeito pesquisador, que busca soluções para os problemas que identifica.

Para tanto, diante das análises das três obras, destacamos que possuem qualidade textual e abordam temáticas que atendem às necessidades das crianças, fazendo alusão aos sonhos, expectativas em relação ao futuro, a necessidade de atenção que exigem por parte da família, ao direito de falar e ser ouvido, a curiosidade inquietante que carregam e, especialmente, sobre a necessidade de perguntarem e acharem respostas.

Conclui-se o trabalho com resultados positivos, no entanto, destaca-se a importância do estudo ser aprofundado como uma forma de desafiar novas pesquisas que envolvam a metodologia da problematização no campo da educação.

PROBLEMATIZATION OF METHODOLOGY: A VIEW THROUGH THE CHILDISH LITERATURE

Abstract: The problematization of methodology is one of the active manners of teaching and learning, that seeks to overcome the traditional model of education through the protagonism of child, a fact that surrounds actual discussions of the educational scenario. The main point of this research consists in to investigate how the problematization of methodology presents itself into pieces of child literature from theoretical foundation that shows three ways and contextualize short and historically the literature. The investigation source is made up by three childish literature Works, selected at the National Program of school library, of the year 2012. Theoretical discussions are featured in Berbel studies (2012), Costa (2008), Lajolo e Zilberman (1988). The research is qualitative, and has an exploratory character, utilizes the content analysis technique. The results substantiate presence of problematization methodology stages in literature Works, as well as the possibility of articulation between problematization and childish literature, providing an important pedagogical recourse to develop the child as a reader.

Key words: Problematization of methodology. Childish literature. Education.

6 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. **Fazedor de Tatuagem**. 2. ed. São Paulo: Uno Educação, 2012.

BASÍLIO, J. **Gabi, perdi a hora!** Belo Horizonte: Editora Executiva, 2009.

BERBEL, N. A. V. A metodologia da problematização em três versões no contexto da didática e da formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, v. 12, n. 35, p. 103-120, jan./abr. 2012.

_____. Metodologia da problematização: fundamentos e aplicações. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 16, n. 2, p. 9-19, out. 1999.

_____. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes Caminhos? **Interface: Comunicação, Saúde e Educação**, v. 2, n. 2, p. 139-154, 1998.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORDENAVE, J.; PEREIRA, A. **Estratégias de ensino aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional da Biblioteca da Escola: obras selecionadas**. Brasília: MEC, 2012.

_____. **Guia 2 Programa Nacional Biblioteca da Escola: literatura fora da caixa, anos iniciais do ensino fundamental**. Brasília: MEC, 2014.

CAMPOS, C. J. G. Método de Análise de Conteúdo: ferramentas para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

COSTA, M. M. da. **Literatura Infantil**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

DAVID, C. M.; SILVA, H. M. G. da; RIBEIRO, R.; LEMES, S. de S. **Desafios Contemporâneos da Educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

FRANTZ, M. H. Z. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **A pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREITAS, F. A. de. **Controle remoto**. Rio de Janeiro: Manati Produções Editoriais Ltda, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. P.1553.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: história e história**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

MAGUEREZ, C. **La promotion technique du travailleur analphabete**. Paris: Eyrolles Éditions d'organisation Issoudun, 1966.

MILLER, Peter; ROSE, Nikolas. **Governando o presente: gerenciamento da vida econômica, social e pessoal**. São Paulo: Paulus, 2012.

PENSADOR. **Frase de Gaston Bachelard**. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MjczOQ/>>. Acesso em: 7 out. 2017.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TURCHI, Maria Zaira. **Tendências atuais da literatura infantil brasileira**. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/MARIA_TURCHI.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2018.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

**ANEXO 1 - RESULTADOS DAS ANÁLISES SEGUNDO O MÉTODO DA
PROBLEMATIZAÇÃO**

OBRAS ANALISADAS	ETAPAS				
	1ª Etapa: Problematização da Realidade	2ª Etapa: Pontos - Chaves	3ª Etapa: Teorização	4ª Etapa: Hipóteses de solução	5ª Etapa: Aplicação à realidade
A árvore generosa	✓				
A melhor família do mundo	✓	✓			
Controle Remoto	✓	✓	✓	✓	✓
Chapeuzinho vermelho: uma aventura borbulhante	✓	✓			✓
De quem tem medo o lobo mau?	✓				
E o que vem depois de mil?					
Elefantes nunca esquecem	✓	✓			✓
Fazedor de tatuagem	✓	✓	✓	✓	✓
Gabil Perdi a Hora	✓	✓	✓	✓	
História da ressurreição do papagaio					
Isto é um poema que cura peixes	✓	✓	✓	✓	
Lendas Da África Moderna	A língua do Griô	✓		✓	✓
	A visionária menina Kikuiu	✓		✓	✓
	Madiba: A lenda viva	✓	✓		
	O brinco de ouro	✓	✓	✓	
Mão que conta história					
Minha casa azul					
O casaco de pupa	✓			✓	✓
O guarda-chuva verde					
O menino mais feio do mundo: aconteceu no São João	✓		✓	✓	
Palavras, palavrinhas e palavrões	✓	✓	✓	✓	
Quem tem medo do ridículo?	✓				